

A diferença que me fez sentir

Andressa Lima

10

E buscará novas palavras, não para colecioná-las na memória, mas para dizer e escrever o seu mundo, o seu pensamento, para contar sua história.

Apresento este prefácio — escrito pelo professor Ernani Maria Fiori — do livro *Pedagogia do Oprimido*, para narrar a trajetória da minha história no estágio de formação de professores para o Ensino Médio que teve início no dia 18 de abril de 2022. Na verdade, para ser sincera, ela começa há alguns anos em alguma conversa importante sobre o Ensino de Ciências e Biologia, na disciplina de Instrumentação II, da antiga grade do curso de Ciências Biológicas da UFRN.

Nesse dia, algo mudou e eu comecei a sentir. Era uma vela acesa. Apesar do sentimento, era difícil me ver em uma sala de aula, sempre me questionava como eu seria capaz de estar em uma turma com aproximadamente 40 alunos? Como eu seria capaz de “ensinar” conteúdos, acreditando que qualquer pessoa seria mais qualificada para isso, menos eu? Essa visão começou a mudar quando participei do Programa de Residência Pedagógica, passando a lecionar em uma escola de Ensino Fundamental, que me fez perceber e entender as vontades que haviam aqui dentro e poder enxergar horizontes mais distantes.

A estrada diferente começa

Em abril de 2022, a experiência no Estágio Supervisionado de Formação de Professores para o Ensino Médio começou. Bem

acompanhada da minha dupla, adentrei as portas de uma escola localizada no bairro de Capim Macio, no município de Natal/RN, a escola carrega o nome de um homem que eu nunca ouvira falar, mas que mais tarde descobri que ele não era potiguar, mas belenense, de Belém, no Pará.

Essa informação talvez não seja muito importante para este relato, mas começou a me fazer refletir sobre diferenças. Conhecendo a escola em si, percebi seu espaço bem estruturado, amplo, arejado, com quadra esportiva, laboratório de química, salas climatizadas, áreas verdes e ambientes de convivência que atendem educandos/as nas etapas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

Na chegada, procurei pelos/as responsáveis da escola e pela professora de Biologia, que recebeu a mim e a minha dupla com educação e aceitou nos supervisionar, facilitando os trâmites burocráticos do estágio e possibilitando o início dessa jornada. Decidimos, em conjunto, nos dedicar à 2^a série do Ensino Médio, especificamente à turma ‘C’, que era composta aproximadamente por 35 estudantes.

Os primeiros dias foram dedicados a observar a dinâmica escolar e tudo o que acontecia ali, incluindo o próprio espaço, as aulas da professora e os/as educandos/as. Na primeira vez, acordei animada e encorajada para conhecê-los, mas em sala de aula logo me frustrei por não ter tido a oportunidade de me apresentar e contar o que

eu estava fazendo ali. A professora iniciou a aula e em 50 minutos, que pareceram passar em uma velocidade grande, a finalizou. Sim, o tempo de regência era de 50 minutos em dois dias da semana e isso me fez sentir insegurança e confusão, porque gostaria de ter mais tempo para aulas mais dinâmicas. Segundo os dias de observação, também foi seguindo a avalanche de sensações.

O incômodo de parecer estar ali sem propósito era grande — digo sem propósito porque ainda não tinha conseguido criar laços e, para mim, a afetividade e o conhecer são importantes. Junto a isso, não estava sentindo conforto na forma que os/as educandos/as eram tratados, muitas vezes parecia que sua “capacidade cognitiva” era questionada, que não podiam ser desafiados porque não conseguiram ultrapassar o desafio, que o conhecimento era “demais” para aquelas pessoas. Para mais sentimentos e desconfortos, senti injustiça. Eles/as tinham direito, podiam e hoje, posso afirmar, podem!

A partir de tantos percalços, a relação com a supervisora não se desenvolveu de forma ideal. Muitas vezes enviei mensagens e não obtive respostas no tempo que precisava e a comunicação se tornou bem difícil. E então, a regência chegou.

Espinhos e flores

Após as observações e planejamentos, eu e minha dupla ficamos responsáveis pelo 2º bimestre na turma para lecionar os conteúdos de classificação biológica, vírus, bac-

térias, epidemias, pandemias, endemias, algas e fungos. Em relação à avaliação, não quisemos aplicar apenas uma prova teórica ao fim do bimestre, mas propomos a entrega de resumos semanais que poderiam auxiliar na revisão dos conteúdos e exercício da escrita, juntamente com um trabalho sobre doenças bacterianas.

Durante todo esse período, tentamos não impor formas “corretas” de elaborar as atividades, preferimos deixá-los livres em relação ao formato e ao que poderiam nos apresentar. A primeira aula foi uma dinâmica de apresentação, já que não havia tido a oportunidade antes e além de querer saber só o nome daquelas pessoas, buscamos entender o que eles gostavam de ouvir, jogar, ler e estudar. Foi um momento muito bacana e ali vi um espaço aberto para novas relações serem formadas. Ao longo do bimestre, por causa do tempo curto, o formato tradicional predominou nas aulas, mas nos esforçamos para trazer elementos dinâmicos. Novamente, sobre os sentimentos, senti muita alegria e muito orgulho ao ver minha dupla à frente daquela sala. Na verdade, parecia bem mais “ao lado” do que à frente em si.

Quando chegou a minha vez, também senti muita felicidade por estar tendo a oportunidade de conhecer e participar daquilo tudo com aquela turma. Também foi como se tudo tivesse se encaixado e tivesse feito algum sentido. Percebi que na maioria das oportunidades que tive de estar em sala, me senti assim: com sentido. Os/as educandos/

as estavam interessados/as em nossas aulas, vez ou outra faziam perguntas e pareciam muito querer ouvir o que estávamos dizendo. Esse caminho, que começou com alguns espinhos, agora me mostrava flores e uma estrada que ainda não era tão bonita. Aliás, acho que não precisava ser bonita, era diferente. E o diferente me acolheu. Inspirada pela diferença, escrevo:

“Torto e diferente é esse caminho
Mas quem o escolheu assim?
Na maioria das vezes é como um passarinho
Que cresce com dificuldade, voa e sobe
Mas nem sempre é como Jasmim

Essa estrada pode ser alegre e com boniteza
De nada adianta se não há
Precisa ter esperança, força para lutar
E também para continuar

A troca de saberes tem atenção e diversidade
Tem respeito com as outras metades
Esse caminho é torto, diferente e cheio de oportunidade
Mas jamais vai ser sozinho.”

(Andressa Lima da Silva)

Aceitar a estrada inesperada

As sensações no espaço escolar foram muitas, passaram de desconfortáveis a confortáveis, voltando para os desconfortos e indo para os confortos. A estrada no ensino é assim, tal como é a vida. Em um momento que me sentia desencorajada por causa da relação com a supervisora, me vi posteriormente instigada a ir adiante. Isso não

foi graças a mim ou de mim para mim, mas veio das muitas inspirações que acompanhei nesse tempo. Em primeiro lugar, minha dupla, que em meus desânimos e momentos ruins me entendia, abraçava e se fazia presente. Depois, as conversas e trocas na própria turma da disciplina de Estágio, com os/as colegas e a orientadora, que encoraja e é tão sensível, atenciosa e inspiradora.

Carrego muita gratidão, afeto e admiração por quem ela é. Ainda, os/as próprios/as educandos/as, os percebi criativos/as, comunicativos/as e capazes. Em um certo momento me perguntei se escolher essa escola teria sido a melhor decisão, por causa de todas as sensações estranhas que outrora havia sentido, por em um momento talvez não ter tido a sensibilidade de percepção, mas que hoje sei que são diferenças, apesar de estar atenta e continuar não concordando com muitas ações.

Éramos diferentes, todos éramos, todos somos. Me vi diferente — jamais em um sentido superior — da supervisora e diferente de muitos professores/as ali, principalmente quando tive a oportunidade de estar em um conselho de classe. Também percebi, durante a festa de São João da escola, que sou diferente dos/as educandos/as e que eles/as são diferentes entre si. É uma diversidade inquestionável e um brilho que não pode ser ofuscado. Nesse dia e em todos os outros que pude estar na presença daqueles adolescentes, os enxerguei como pequenas velas que resistem, persistem e

insistem em brilhar. E que bom que brilham.

Nas reflexões que me acompanham desde o começo do curso de licenciatura em Ciências Biológicas, que antes eram moldadas por não querer ser professora, agora sei — e fico feliz por saber — que não posso separar essa formação de mim. É mais que uma formação, é intrínseco. Ainda não sei as melhores formas de ensinar, nem tenho os melhores métodos, mas não quero desassociar o ser professora de mim.

Reflito sobre respeitar as diferenças, inclusive da supervisora, que antes eu via toda a situação como algo que não poderia de forma alguma ser assim, que talvez fosse falta de atenção ou interesse na própria supervisão. Não posso apontar tanto dessa forma ou esperar que minhas expectativas sejam imediatamente correspondidas, e chego a conclusão disso ao passar por um momento de grande acolhimento que ela teve conosco já ao final do estágio, nos compreendendo e sendo extremamente gentil. Não posso esperar que as pessoas se encaixem e tampouco quero me encaixar, mas sim deixar ser, porque somos tantos, somos muitos, com muitas e diferentes vivências e experiências.

Nessa estrada que começou insegura, fui aprendendo a confiar, a me preparar e isso muitas vezes ia além de estudar. Quando chegava à escola e ainda não estava no horário, sentava em um banco em frente a algumas plantas iluminadas pela luz do sol e ali ficava, pensando sobre o caminhar que

foi como eu menos esperei, mas acolho com muita gratidão tudo que vi e vivi.

Várias interferências no trajeto me fizaram chegar até aqui e chego com muita vontade de continuar aprendendo, de ser diversa, diferente, de ouvir e de sentir. Como disse Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da Autonomia*,



Jardim na entrada da Escola (Fonte: Andressa Lima da Silva/2022).

Posso saber pedagogia, biologia como astronomia, posso cuidar da terra como posso navegar. Sou gente. Sei que ignoro e sei que sei. Por isso, tanto posso saber o que ainda não sei como posso saber melhor o que já sei. E saberei tão melhor e mais autenticamente quanto mais eficazmente construa minha autonomia em respeito à dos outros (FREIRE, 1996).

Desta forma, dedico este relato aos alunos e alunas da turma 2ºC de 2022 da

Escola Estadual Desembargador Floriano Cavalcanti, que me ensinaram e me enxergaram. Em um momento da minha vida que eu pouco sentia, o estágio no Ensino Médio e todos/as eles/as me trouxeram muitas emoções e muitas certezas: quero ser, me vejo e me torno bióloga e professora de ciências e biologia. E que essas nomeações não sejam apenas títulos, mas atuem como verdadeiros espaços para que oportunidades sejam criadas e existências sejam respeitadas.

Referências

- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Editora Paz e Terra, 2019.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Editora Paz e terra, 1996.